



A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO NA ADOLESCÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Franciéle Trichez Menin;

Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão/PR.

E-mail: franci_menin@hotmail.com

Gisele Arendt Pimentel;

Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão/PR.

E-mail: xlpimentel@hotmail.com

Gisele Monteiro Gagliotto;

Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão/PR.

E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Resumo:

O presente texto traz algumas considerações sobre a Influência do Capitalismo na Adolescência no Espaço Escolar. Possui como objetivo pontuar de que maneira a educação escolar vem facilitando à alienação do adolescente na ideologia da produção e reprodução do capitalismo. Será de cunho bibliográfico, afim de possibilitar a reflexão crítica sobre esta questão, interrelacionando capitalismo, escola e adolescência. Concluímos que as tarefas desempenhadas pela educação escolar no cotidiano do adolescente, tem como base o pensamento tradicionalmente capitalista, reproduzindo a ideologia de burguês proletariado, pensamento naturalista no sentido de ter nascido para realizar alguma função, e meritocrático, mesmo que não seja igualitário, desta forma, a contradição de que o estudante só conseguirá ter bom desempenho nas provas e ter sucesso no mercado de trabalho, se ele friamente souber competir para ter o que a sociedade diz que é o melhor, como carro, roupas de marca etc. pensamentos de consumo, coisificando e uniformizando sujeitos como máquinas de produção e reprodução do pensamento egoeconômico do Estado. Para a desconstrução da alienação massiva, é necessário promover protagonismo tanto na instituição, nos professores, mas principalmente nos alunos, para realizar a promoção de criticidade quanto aos conteúdos e currículos impostos, expandindo as limitações dos conteúdos estrategicamente filtrados pelas redes de poder.

Palavras-chave: Capitalismo, Adolescência, Espaço Escolar.

INTRODUÇÃO

O presente texto é constituído por reflexões e abordagens teóricas sobre a influência do capitalismo durante a adolescência no espaço escolar, ocasionando a produção e reprodução da mercantilização humana. Assim, corroboramos com Ianni (1998) para contextualizar o capitalismo como:

[...]um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia. Ele mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas. Ao mesmo tempo, pois, mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas em mercadorias, tornando-se adjetivas de sua força de trabalho (p.8).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desta forma é necessário refletirmos sobre os papéis que a escola tem desempenhado na educação cotidiana dos adolescentes, papéis estes que refletem nas ações dos adolescentes interferindo em sua constituição para a vida adulta. Para pensar a escola, a considerando como espaço no qual crianças e adolescentes passam, por diversas vezes, a maior parte do dia e estabelecem relações sociais, até mesmo, mais do que no próprio convívio familiar.

Seguindo uma historicidade neste direcionamento teórico, constatamos que a adolescência foi reconhecida e valorizada, com o principal objetivo de formar mão de obra para o mercado de trabalho e consumo, servindo, assim ao capitalismo como meio de alienação. Para tanto, corroboramos com Sposito (2003) ao expor que:

Se o entorno da escola acaba interferindo na vida escolar e a sua permeabilidade aos processos externos se torna mais evidente, um conjunto de nexos estabelecidos deve, ao menos, ser submetido à pesquisa e à interrogação sobretudo quando se considera a importância da socialização no grupo de pares (p. 221).

É necessário haver um estudo sobre como foi construído esses saberes colocados na escola para serem repassados aos alunos, quais intenções estão por trás desses conteúdos, há uma necessidade de realizar uma retomada histórica tanto política, quanto ao reconhecimento desses alunos adolescentes, mas principalmente da adolescência nesse jogo consumista. Ocorrido por volta do final do século XX, a busca pela sobrevivência, trouxe conflitos para a humanidade nas relações estabelecidas pelos indivíduos consigo mesmo, com o outro e com o meio sociocultural a que pertence. Com o avanço do processo de industrialização, as relações de trabalho contribuíram para o desenvolvimento da sociedade capitalista. A família por sua vez também passou por mudanças na forma de relacionar-se com seus membros e com o grupo social a que pertence. Uma vez que os pais necessitavam passar a maior parte do tempo no trabalho e seus filhos precisavam de algum lugar para ficar, a escola ganha um destaque extra nesse período, logo, a frequência às instituições de ensino supriram, naquele momento histórico, a necessidade criada pelo processo de industrialização.

O reconhecimento da adolescência enquanto um período do desenvolvimento humano é um advento pós-revolução industrial. Até então os púberes eram vistos como crianças ou pré - adultos. A necessidade de força de trabalho, resultado da ascensão do capitalismo, fez com que o mercado de trabalho voltasse o olhar para essa faixa etária. A adolescência representava mão de obra promissora, ou seja, baixo custo e alto vigor. O adolescente tornou-se alvo de investimentos, voltados à sua preparação, para exercer o papel produtivo no mercado de trabalho.



Na adolescência são estabelecidas ou confirmadas algumas normas e padrões sociais que são perpetuados na vida adulta. Assim, se faz necessário, considerar a importância da cultura para a constituição da adolescência e seu significado dentro do grupo social sobre o qual o olhar está direcionado. Cada cultura influencia e é influenciada de formas distintas na relação com os indivíduos que a adotam. Por consequência, o mesmo se dá com a percepção atribuída à cada período do desenvolvimento humano; bem como a forma como se constituem as relações afetivas e sociais. Assim sendo, consideramos o conceito de adolescência apresentado por Calligaris (2000) ao afirmar que,

[...] é um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial. A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem (p. 9).

A adolescência possui esse simbolismo de contradições, nas quais exacerba energia, como também o ponto franco da inconstância, é nesse momento que a escola se torna uma parceria fundamental do sistema capitalista em ascensão a fim de instruir crianças e adolescente para atender com eficiência as necessidades do mercado de trabalho, ou seja, considerando o indivíduo como força produtiva. Nesse sentido, corroboramos com Sanfelice (2013) ao dizer que a educação institucionalizada desenvolveu ao longo das sociedades capitalistas uma ferramenta para a formação da juventude, educando o cidadão para o trabalho e o consumo, exercendo um papel de alienante, repressor e formador, num sentido de moldar, criando um indivíduo passivo pronto para o trabalho.

A educação recebe a função de preparar o aluno para cada especificidade do mercado de trabalho, de acordo com a realidade social vivenciada. Adota por objetivo, formar sujeitos trabalhadores e consumistas, deste modo, o capital tem mão-de-obra e consumo no mesmo indivíduo.

Configura-se, então, nesse contexto, uma verdadeira, “pedagogia da exclusão”. Trata-se de preparar os indivíduos para, mediante sucessivos cursos dos mais diferentes tipos, se tornarem cada vez mais empregáveis, visando a escapar da condição de excluídos. E, caso não consigam, a pedagogia da exclusão lhes terá ensinado a introjetar a responsabilidade por essa condição (SAVIANI, 2008, p. 431).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para Marx (1988), as relações capitalistas de produção, em outras palavras, as relações do trabalho assalariado com o capital, tiveram um período de concentração dos meios de produção e da formação de um exército de reserva (de trabalho), com duração de cerca de dois séculos, antes da Revolução Industrial. As principais fases de desenvolvimento capitalista estão diretamente atreladas à Revolução Industrial pelo simples motivo de que pressupunha a existência de certos níveis de acumulação capitalista, gerando a força de trabalho, essa teria sido então a primeira fase do capitalismo já transparecendo os perigos da alienação.

Indivíduos reprimidos se robotizam, se desumanizam. Os perigos da alienação são infinitamente maiores do que os da contaminação com doutrinas políticas tidas como prejudiciais à mente em formação dos jovens. Há uma inequívoca relação entre a alienação política e práticas autodestrutivas entre os jovens (NETO & OSORIO, 2011, p. 136-137).

Foi gerado em os jovens, um movimento competitivo, que também foi considerado, autodestrutivo, pois exerce um poder individualista e pesado demais para ser feito, haja vista que o ser humano é um ser social. Na fase seguinte do desenvolvimento do capitalismo o destaque foi a substituição da força braçal pela força mecânica no trabalho. A necessidade de aprimorar os processos produtivos gerando maior lucro requereu naquele momento, o aumento da produção e redução da mão de obra, gerando o desenvolvimento de máquinas que substituíram os trabalhadores. Assim, houve uma transformação permanente no processo de produção, desencadeando uma necessidade constante de adaptação do homem ao tempo e às exigências da máquina. Esta situação se desdobrou em novas divisões de trabalho a partir das primeiras décadas do século XIX. O próprio Marx (1988) relata que:

A máquina, da qual parte a Revolução Industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo, que opera com uma massa de ferramentas iguais ou semelhantes de uma só vez, e que é movimentada por uma única força motriz, qualquer que seja sua força. Aí temos a máquina, mas apenas como elemento simples da produção mecanizada. (p. 10)

Este crescente desenvolvimento mecanizado representou uma redução do tempo de trabalho e uma mudança das exigências de mão-de-obra, trazendo para a fábrica as mulheres e, em certos casos, também as crianças, mais habilidosas no trato com a ferramenta. Destacou-se nesse período histórico a importância atribuída à participação de crianças e adolescentes no processo produtivo. A adolescência recebe um olhar diferenciado neste contexto, uma vez que, a força de trabalho que cada adolescente representa



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

na busca pelo acúmulo de capital, é o foco da sociedade dominante que, por sua vez, impõe os estereótipos a serem seguidos no cotidiano social. Neste sentido, Sanfelice (2013) afirma que “é por isso que as palavras de ordem ressoam por todos os cantos: formar para mercado de trabalho, formar o trabalhador flexível (precarizado e manipulável, diga-se de passagem) e competitivo” (p.79-80).

O capitalismo impõe a partir de suas estratégias de manipulação o desejo de consumir, o que requer a necessidade de trabalhar para ter o salário que financia o consumo e movimenta o mercado, assim o ser humano só é reconhecido pelo tanto que trabalha e produz para o capital. A inserção dos adolescentes no mundo capitalista em que vivemos, requer uma manipulação, viabilizada pelo jogo de interesses em que o capital oferta o produto e a necessidade de consumo, enquanto o adolescente representa o público alvo para esse consumo e a mão de obra rentável ao sistema. A escola reflete as necessidades da classe dominante ao preparar o adolescente para o mercado de trabalho com competências e habilidades necessárias para o trabalho alienante, gerando maior produtividade o que resulta em maior acúmulo de riqueza.

Ao relacionarmos o trabalho com a educação, é indispensável a leitura de Saviani (2008), o qual apresenta o trabalho como princípio educativo quando este é concreto, criando valores-de-uso, seres que pensem e não sejam alienados. Para o autor o trabalho é fundamental no desenvolvimento da educação e da vida, bem como, a partir da organização da sociedade como um todo, se organiza o trabalho, ou seja, estão extremamente relacionados ao cotidiano de todos nós, sujeitos que vivemos um cotidiano capitalista.

Neste sentido a família da classe operária em seu conjunto passa a constituir simplesmente tempo de trabalho à disposição do capital. Evidências de tal constatação estão presentes também na obra “O Manifesto do Partido Comunista”, em que Marx e Engels (2011) denunciam a exploração da mão de obra feminina e infantil,

Quanto menos habilidade e dispêndio de força o trabalho manual exige, isto é: quanto mais se desenvolve a indústria moderna, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres e das crianças. Diferenças de sexo e de idade já não têm qualquer importância social para a classe operária. Há apenas instrumentos de trabalho que, conforme a idade e o sexo, têm custos diferentes (p. 14).

Saviani (2008), complementa esta ideia de quantidade de produção, com a questão do valor do produto produzido que é calculado a partir do tempo e quantidade de trabalho que foi necessário para a produção do produto. Desta forma, é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessário primeiramente entender, a organização do trabalho para na sequência conseguir realizar uma análise dialética do mesmo. A força de trabalho é apresentado por Marx e Engels (2011) como:

[...] o trabalho mesmo, é, portanto, a atividade vital peculiar ao operário, seu modo peculiar de manifestar a vida. E é esta atividade vital que ele vende a um terceiro para assegurar-se dos meios de subsistência necessários. Sua atividade vital não lhe é, pois, senão um meio de poder existir. [...] Para ele próprio, o trabalho não faz parte de sua vida; é antes um sacrifício de sua vida. [...] A força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria (p. 30-31).

Embora a máquina reduza o tempo de trabalho, esse tempo ganho, não significa vantagem para o trabalhador, mas sim para o proprietário, uma vez que a economia de tempo resulta em maior exploração da força de trabalho, visto que as jornadas continuavam muito extensas e a produtividade aumentava consideravelmente. Conforme nos apresenta Netto (2009) ao dizer que “o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir os bens que permitem a sua manutenção (ou reprodução)” (p. 99-100). As relações capitalistas que se instauram nesse primeiro período de produção industrial ampliam o exército de reserva, mecanismo este que permite manter o baixo custo da força de trabalho.

Marx (1988) nos apresenta que o trabalho é uma condição natural e eterna na humanidade, chegando à conclusão de que o homem é um ser para o trabalho independentemente da sociedade em que vive. Nesta sociedade, as necessidades humanas de compra para manter uma vida digna, tais como: alimentação, saúde, moradia, lazer, informação, cultura, educação e outros, estão inseridas no processo mais amplo das relações de produção e consumo. A exploração do trabalho ocorre quando uma classe produz riqueza que é acumulada e controlada por outra classe que detém a propriedade dos meios de produção. Tais grupos constituem-se em classes contrárias, que só existem nas relações que mantêm umas com as outras, e tal relação consolida-se como exploração.

Marx (1988) traz uma importante contribuição filosófica para a compreensão da organização da sociedade em torno do capital. Para Marx o modo de produção capitalista age de forma determinante sob o conjunto da vida social, política e espiritual. O autor fundamenta-se na observação da realidade e considera que

A maneira pela qual os indivíduos manifestam a sua vida refletem muito exatamente o que são. O que eles são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com o que produzem quanto com a maneira



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pela qual produzem. O que os indivíduos são depende portanto das condições materiais de sua produção” (p. 46).

Para o desenvolvimento de uma escola adequada, é imprescindível entender os pensamentos da escola unitária apresentada por Gramsci, como um ambiente que deve romper com o dualismo de uma escola para a elite e outra para trabalhadores com formação profissionalizante. Ainda segundo o autor, em toda nossa vida lutamos para nos adaptar ao ambiente em que vivemos, ao meio que estamos inseridos. É preciso ter rigor e disciplina para que o meio não venha a educar, ensinando a retirar somente o prazeroso sem seguir as regras que necessitamos para viver em sociedade, para viver neste ambiente social precisamos produzir e consumir. Independentemente do lugar, o capitalismo está presente, mesmo tendo suas especificidades para cada região, a estrutura continua igual.

Nesse sentido, a história da humanidade está ligada a produção de condições concretas de vida e sobrevivência e, portanto, tem seus princípios firmados no mundo material, sistematizado e reproduzido por todos os componentes da sociedade. O desenvolvimento das relações de produção geram a otimização das forças produtivas as quais, por sua vez, reagem sobre as relações de produção. Assim, o processo produtivo está diretamente relacionado a compreensão e análise da história, das lutas de classes e das evoluções econômicas e políticas. Os modos de produção podem ser interpretados como uma maneira que a humanidade encontrou para se desenvolver e dar continuidade à espécie, pois, são históricos.

Neste sentido, em sua obra “A Ideologia Alemã” Marx elucida a relação estrutura e superestrutura ressaltando que “A consciência da necessidade de estabelecer relações com os indivíduos que o circundam é o começo da consciência de que o homem vive em sociedade.” (MARX & ENGELS, 2011, p.44). Considera ainda, que os confrontos entre classes sociais distintas decorrentes da "exploração do homem pelo homem" é a força motriz da evolução histórica. Em Marx é possível perceber que esse processo gera duas situações reais e importantes: a transformação da força de trabalho em mercadoria e a alienação do indivíduo, que não se reconhece como produtor. Ou seja, a transformação do homem em mercadoria, esta é a primeira forma de violência do capitalismo e o fundamento de todas as outras violências que se estabelecem ao longo da história da modernidade.

Para reafirmar e dar concretude à tese da centralidade do trabalho e sua importância na organização social, o sociólogo Ricardo Antunes em sua obra “Os Sentidos do Trabalho” faz uma análise sobre a nova configuração da classe trabalhadora, bem como das disposições entre trabalho produtivo e improdutivo, material e imaterial, uma vez que o trabalho é, segundo o autor, elemento ontologicamente essencial e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fundante da existência humana. Antunes (2000) enfatiza a questão da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo, tanto no plano teórico como no plano empírico, da práxis.

Dentre as propostas defendidas pelo autor, destaca-se a relevância das lutas sociais para a consolidação de um processo de emancipação humana, argumentando que todas as formas de rebeldia são igualmente importantes, ressalta que, numa sociedade produtora de mercadorias, as revoltas do trabalho assumem um estatuto de centralidade e as lutas ecológicas, assim como o movimento feminista, quando associam suas reivindicações à denúncia da lógica destrutiva do capital, adquirem maior vitalidade.

Os escritos de Marx são basilares nas reflexões de Antunes contribuindo para a compreensão do desenvolvimento da força de trabalho e sua ligação com os mecanismos de violência, cuja origem está na exploração do trabalho e na sua transformação em mercadoria.

Concomitantemente a todas as mudanças o surto econômico perpassa diferentes países e as classes sociais mesmo que de maneiras diferentes. Alguns países necessitam produzir para exportar a outros, os quais não têm força de produção própria, se tornando importante o trabalho da pesquisa e da informação permitindo a apropriação do produto com maior facilidade e agilidade possível. As leis passadas pela educação nos colocam em um mundo da meritocracia, no qual é disposto de que todos podem ter o conhecimento, basta querer, ter vontade, construindo as falsas ideias de que o grande acesso a informação é o mesmo que conhecimento. De acordo com Mézáros (2005), cabe destacar que

[...] o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança consciente* dos indivíduos chamados a conscientizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (p.65).

Então, a escola recebe uma função de formadora de sujeitos críticos reflexivos, que sejam preparados para viver e agir na sociedade, ou seja formar para o mundo. Porém, a escola realiza o caminho inverso, sendo aliada e subordinada as normas capitalistas, trabalhando para formar sujeitos alienados para o mercado de trabalho.

Necessitamos de uma Escola que proporcione aos seus alunos o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorealização. Que qualifique o estudante para o trabalho e prepare para o exercício consciente da cidadania, num processo humanizador e contínuo. Uma Escola capaz de despertar a reflexão crítica, a capacidade criadora, a integração e, sobretudo, proporcionar ao aluno condições de desenvolver a capacidade de enfrentar desafios, para a resolução dos questionamentos inexoravelmente postos pela vida (NETO & OSORIO, 2011, p. 118).



O capitalismo está controlando a vida dos sujeitos nos dias atuais, inculcando um pensamento consumista, o que leva a necessidade de trabalhar para poder gastar, tornando este um motivo da busca por emprego desempenhada pelos adolescentes. E ainda para completar, o capitalismo lança mão de ideais, nos quais somos o que consumimos, ou seja, a marca que eu uso é mais importante do que o produto ser útil a mim. Assim, necessitamos de um trabalho escolar que vá para além das normas capitalistas. De acordo com Neto & Osorio (2011)

É na escola e no meio social a que o indivíduo pertence, que se iniciam os condicionamentos e as exigências sociais que irão determinar um outro tipo de atitude e que também influirá no seu comportamento. Essa conduta considerada mais superficial ou *ideologia periférica* que pode não estar de acordo com a ideologia central, é passível de mudanças e transformações, mas poderá, no correr dos anos, fazer parte integrante da estrutura central da pessoa (p. 117).

Ressaltamos que a educação exerce papel fundamental para o desenvolvimento na formação dos sujeitos, a qual, vai permear sua vida e atitudes. Corroboramos com Mézáros (2005) quando este afirma que “[...] é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (p. 27), desta forma, se faz necessário, pensarmos em novas atitudes, que englobem a educação, para que estes saibam como lidar com tal situação.

Na obra de Gramsci podemos destacar a atenção dispensada pelo autor à práxis como princípio fundante da humanização do indivíduo. O conhecimento, propriedade das classes dominantes, precisa ser disponibilizado à classe dominada, isso ocorre em doses homeopáticas, devido ao antagonismo que circunda essa questão. O capitalismo se apropria do conhecimento como propriedade a fim de subverter uma classe á outra, é a relação entre dominantes e dominados. No entanto, o mesmo capitalismo que expropria o conhecimento das massas, necessita que a mão de obra que lhe serve seja qualificada, a fim de manter o progresso e a energia do movimento econômico, ou lucro. Essa qualificação só é possível por meio da educação, mas de forma controlada.

Gramsci (2001) chama atenção para esse fato e atenta para a necessidade de que os indivíduos se tornem homens coletivos e não homens massa. O conhecimento precisa ser universalizado, democratizado para isso Gramsci resgata o valor do devir histórico e do senso comum como a base do pensamento, anseia a universalização do conhecimento e explora essa possibilidade desde a concepção de que todos os homens



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

são filósofos. Não há uma exclusividade no ato de pensar. O pensar é uma ação humana, no senso comum há um exercício de pensamento, quando uma reflexão do senso comum é ressignificada ou é a plataforma de onde se parte para o conhecimento mais elaborado, a reflexão ganha novo sentido, passa a ser propriedade do indivíduo, não uma apropriação ou assimilação passiva do saber produzido por outrem. A educação torna-se então o principal meio para propor tal transformação nesse processo de emancipação do ser humano.

É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito (MÉZÁROS, 2005, p. 35).

Salientamos que a abrangência da educação é necessária e imprescindível para orientar os adolescentes para viver conscientemente, superando as imposições e reproduções em escala do capitalismo. Destacamos ainda que é preciso formar indivíduos para o mercado de trabalho, mas que recebam uma formação para a emancipação, visando o desenvolvimento de adolescentes críticos-reflexivos, os quais possam atuar conscientemente frente ao capitalismo. Ressaltamos ainda que é possível a educação escolar ir além das normas e padrões das hipocrisias alienantes do capital, este movimento é gradual e requer busca dos professores, como agentes políticos ativos nessa relação ensino aprendizagem, resistindo através da busca de conhecimentos para além dos limitados e filtrados pelo sistema capitalista, com interesses econômicos e não sensivelmente humanos.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. – São Paulo: Publifolha, 2000.

IANNI, Octávio. **Sociologia: Marx**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1988. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. Livro 1.v.1.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011.

MÉZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

NETO, Francisco Baptista & OSORIO, Luiz Carlos. **Adolescente: o desafio de entender e conviver.** Florianópolis: Insular, 2011.

SANFELICE, J. **Breves reflexões sobre “juventude”, educação e globalização.** In : MACHADO, Otávio Luiz (orgs.). **Juventudes, democracia, direitos humanos e cidadania.** Frutal, MG: Prospectiva, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.** Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar./maio 2003.